

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
15 de Maio de 2021  
OS MARES DA EUROPA

## MOR'VRAN (LA MER DES CORBEAUX) / 1931

*Um filme de Jean Epstein*

*Diretores de fotografia (35 mm, preto & branco):* Alfred Guichard, Albert Brès, Marcel Robière, Henri Chauffier / *Montagem e som (sistema Synchronista):* não identificados / *Música:* Alexis Archangelsky. *Produção:* Compagnie Universelle Cinématographique (Paris) / *Cópia:* da Cinemateca Francesa, 35mm, sonora, com intertítulos em francês e legendas eletrónicas em português / *Duração:* 25 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca a 18 de Junho de 2002, no âmbito do ciclo "Cinema e Pintura".*

\*\*\*\*\*

MOR'VRAN é apresentado U SAMOGO SINEVO MORIA, de Boris Barnet (folha distribuída em separado)

\*\*\*\*\*

Embora haja periódicas revisões de valores estabelecidos na história do cinema, nem que seja porque muitos críticos e programadores têm o impulso de revelarem “obras-primas desconhecidas”) tanto para impulsionarem as suas carreiras como para revelarem ou fazerem rever estas obras), no caso de Jean Epstein o consenso geral é que o seu melhor período, aquele em que houve maior convergência entre as ambições do seu talento e as realidades do cinema, vai de 1927 a 1932. No decorrer destes ricos cinco anos, Epstein realizou um trio de obras-primas associadas à vanguarda parisiense (**Six et demi Onze**, **La Glace à Trois Faces**, **La Chute de la Maison Usher**, este último o seu filme mais visto, do qual Luis Buñuel foi assistente de realização, antes de ser expulso por Epstein por se recusar a ir dar uma mão a Abel Gance, cujo cinema desprezava) e um trio de semi-documentários rodados no inóspito litoral da Bretanha: **Finis Terrae**, **Morvran (La Mer des Corbeaux)** e **L'Or des Mers**. Nestes três filmes “bretões” convergem o eco da descoberta de Flaherty, cujo **Nanook** teve mais eco em França do que talvez em qualquer outro país e o do cinema soviético, tão profundamente diferente do de Flaherty, que foi criticado mesmo por alguns dos seus admiradores pelo seu idealismo, mais precisamente o seu *rousseauismo*, o mito do “bom selvagem”, que é a antítese absoluta da visão leninista do ser humano e das sociedades nas quais este vive.

**Morvran**, primeiro filme sonoro de Epstein, embora desprovido de diálogos, faz uma espécie de síntese entre estas duas facetas tão diferentes da obra de um realizador com altas ambições intelectuais e artísticas. O próprio título tem algo de um jogo poético. Em bretão, *morvran* designa a ave que em francês se chama *cormoran* e em português *corvo do mar*. A tradução literal em francês do título seria prosaicamente *corvos do mar* e não o poeticamente evocador *o mar dos corvos*. Uma das chaves do filme está nesta sutil alteração do sentido da palavra bretã na sua transcrição em francês para o seu subtítulo, pois, como indica a trama narrativa, o mar é das aves que o sobrevoam e não dos homens, além do quê a palavra *corvo* evoca o mau agouro, a morte. Embora Jean Epstein contestasse a necessidade de contar uma “história” (“*para quê contar histórias, narrativas que sempre supõem acontecimentos ordenados, uma cronologia, a gradação dos factos e dos sentimentos? Não há histórias, nunca houve histórias. Só há situações*”), era, como todos os realizadores a terem trabalhado nos anos 20 e 30, um herdeiro dos documentários *narrativos* e, por conseguinte, dramatizados de Robert Flaherty. **Morvran** tem uma trama narrativa, até certo ponto tradicional e típica dos filmes e das canções sobre o mar: um

marinheiro leva um colar para a sua noiva que vive numa ilha inóspita e é vítima de um naufrágio, com todos os seus companheiros. A convergência entre esta trama narrativa carregada de comoção e a matéria-prima documentária resulta na grande beleza do filme. Pode-se aplicar a **Morvran** aquilo que Epstein escreveu a propósito de **Finis Terrae**: o filme *“tenta ser o «documentário» psicológico, a reprodução de um breve drama composto por episódios que existiram, por homens e coisas autênticas”*. É sem dúvida para preservar esta autenticidade, sem manchá-la com diálogos que trariam um inevitável elemento de encenação, de falsidade, que **Morvran**, embora sonoro, é um filme de concepção totalmente muda, um objeto que se articula pelas imagens e intertítulos e cuja música e cujos sons não são muito diferentes de um bom trabalho de sonorização ao vivo.

Antonio Rodrigues